



Nota técnica
produzida para o
Projeto Cresce Brasil
+ Engenharia + Desenvolvimento

Maio/2011



Situação do trabalho qualificado e grandes eventos esportivos mundiais

Marcio Pochmann¹

O início do século 21 caracteriza-se por um novo e importante reposicionamento internacional do Brasil. De fato, desde a década de 2010 que se constata a emergência econômica e política do país no mundo, seja pelo vigor do seu regime democrático, já próximo de completar três décadas de continuidade, seja pelo ciclo atual de expansão produtiva com novas e ampliadas bases sociais.

Para uma nação com mais de 500 anos de História e apenas cinco décadas de experiência democrática, o período recente vem se revelando consistente com a conformação de uma nova maioria política. Por força do seu regime democrático que a economia se transforma, após ter perseguido mais de ¼ de século de regressão social oriunda das altas taxas de inflação, da desorganização das finanças públicas, da semi-estagnação da renda por habitante. A piora social evidenciada pelo elevado desemprego, ampliada criminalidade e grande insegurança socioeconômica resultou da passagem da condição de oitava economia do mundo no final dos anos 1970, para o 13º produtor mundial no final da década de 1990. No mesmo período de tempo, a quantidade de desempregados aumentou consideravelmente a tal ponto de fazer com que o país passasse da 14º para terceira posição no *ranking* mundial do desemprego.

Somente a partir da primeira década de 2000 que o Brasil voltou a reorientar o prumo, alcançando, em 2010, a condição de 7ª economia mundial e com sinais crescentes de escassez de mão-de-obra qualificada. Algo inédito no país desde o chamado milagre econômico na primeira metade da década de 1970. Ademais, destaca-se também que a conformação recente de um novo modelo de desenvolvimento tem possibilitado a redução da pobreza concomitantemente com a elevação da participação do rendimento do trabalho na renda nacional, o que favorece o combate à desigualdade profunda na repartição da riqueza nacional. Mesmo não sendo o país com mais vigoroso crescimento econômico, consegue

¹ Professor licenciado do Instituto de Economia e do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Universidade Estadual de Campinas. Presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

atualmente reduzir a pobreza simultaneamente à queda na desigualdade, ao contrário da experiência recente de países como África do Sul, China e Rússia, que não conseguem amenizar o avanço da desigualdade de renda, apesar de apresentar muitas vezes, mais rápida dinâmica econômica.

O reposicionamento do Brasil no mundo tende a se aprofundar também em razão dos grandes acontecimentos esportivos previstos para esta segunda década de 2000. No âmbito da FIFA destacam-se, por exemplo, a Copa de Futebol das Confederações, em 2013, e a Copa do Mundo de Futebol, em 2014. Para o ano de 2016 haverá, ainda, as Olimpíadas na cidade do Rio de Janeiro.

Após 64 anos, o Brasil voltará a sediar pela segunda vez a Copa do Mundo de Futebol, a 20ª edição do maior evento esportivo do mundo. A última vez que a América Latina havia sediado tal competição foi em 1978, na Argentina; portanto há 36 anos. Para abrigar as competições futebolísticas entre 32 seleções nacionais em 64 partidas de futebol, o Brasil contará com 12 cidades-sede, duas a mais do registrado na África do Sul, em 2010 para atender também a 32 seleções nacionais. Em relação ao mundial de futebol de 2006, na Alemanha, também houve doze cidades- sede na disputas esportivas.

Na 4ª versão da Copa do Mundo de Futebol realizada em 1950, no Brasil, houve somente seis cidades-sede em condições de acolhimento das competições esportivas constituída à época por 13 seleções nacionais. Para o ano de 2014, o esforço nacional na preparação do evento mundial não será de pequena monta tendo em vista o reconhecimento global de que a Copa do Mundo transbordou de suas dimensões para além de um mero evento futebolístico. Inicialmente, pela inédita oportunidade de haver um grande salto modernizante do país, especialmente em infraestrutura necessária para o acolhimento interno adequado estimado de cerca de meio milhão de torcedores estrangeiros que se adicionarão ao próprio povo brasileiro amante do esporte. Tudo isso se relaciona à reorganização urbanística, com avanços substanciais urgentes e necessários à mobilidade humana (aérea, terrestre e aquática) a serem realizadas tanto nas cidades-sedes como nos locais naturalmente identificados com a diversidade turística do país.

Em segundo lugar pela agregação de investimentos orientados às novas tecnologias de telecomunicações e comunicações voltadas à disseminação dos conteúdos multimídias (rádio, televisão, internet, entre outras) implícita na cobertura do maior evento esportivo do planeta. Na última versão da Copa do Mundo (2010), por exemplo, cerca de 20 bilhões de espectadores acompanharam as competições realizadas na África do Sul. Pela força do curso das inovações tecnológicas, em que as redes sociais ganham crescente importância, a interação e aplicação necessárias ao compartilhamento e armazenamento de informações diretamente pela *web* exigirão uma concentração de investimentos que podem colocar o Brasil em posição privilegiada no mundo.

Por fim, identifica-se também a possibilidade da afirmação política e econômica renovada da presença brasileira no mundo, por meio de sua capacidade de coordenação e planejamento internos na realização segura e satisfatória de um evento grandioso e associada à valorização empresarial, laboral e governamental. Em função disso foi constituído o Plano Estratégico da Copa de 2014, cuja responsabilidade pertence ao Comitê Gestor constituído por 23 instituições do Governo Federal e ao Grupo Executivo com 5 ministérios (Casa Civil, Esportes, Fazenda, Planejamento e Turismo). Pelo Plano Estratégico do Governo Federal para a Copa de 2014, foi estabelecido uma matriz de responsabilidades relacionada ao monitoramento do conjunto dos projetos do plano estratégico. Assim, o modelo de governança definiu a constituição de nove câmaras temáticas voltadas ao tratamento das políticas públicas e soluções técnicas da montagem do grande evento esportivo, cujos membros são representantes do Governo Federal, das autoridades das cidades-sede (estados e municípios) e também, se necessário, da sociedade civil ou dos grupos setoriais. As câmaras temáticas atendem à infraestrutura, estádios, segurança, saúde, meio ambiente, turismo, comércio e tecnologia, cultura, educação e ação social e transparência.

Em virtude de toda a grandiosidade do evento esportivo e do envolvimento nacional, urge considerar a temática do emprego da mão-de-obra necessária e atinente à crescente demanda de profissionais qualificados. Estimativas preliminares apontam para um contingente de 710 mil empregos permanentes e temporários até

a realização da Copa do Mundo, equivalendo a cerca de 10% dos empregos formais gerados atualmente em todo o país. Por conta disso, devem-se associar rapidamente os registros de escassez relativa e localizada de força de trabalho qualificada frente ao curso da força de expansão econômica.

Nesse sentido, o presente trabalho procura tratar da temática da mão-de-obra qualificada, especialmente derivada da preparação e realização da Copa do Mundo em 2014. Para isso, busca recuperar, inicialmente, alguns dos principais elementos de conexão da demanda de trabalho qualificado em função da realização de grandes eventos esportivos mundiais. Na seqüência, trata-se do trabalho qualificado nas dozes cidades-sede dos eventos esportivos.

1. Copa do mundo no Brasil e sua conexão com o trabalho qualificado

A realização da Copa do Mundo em 1950, a primeira depois do fim da Segunda Guerra Mundial, representou um grande desafio para o Brasil, que ainda se encontrava na condição de país agrário, não obstante o esforço em torno do avanço do projeto de industrialização nacional. Dada a ausência de grandes eventos desportistas em dimensão internacional desde 1938, tendo em vista o contexto de guerra mundial e a decorrente degradação da infraestrutura em diversos países no imediato pós-guerra, registra-se que a realização da Copa do Mundo distante do continente europeu evidenciou a importância das transformações econômicas e sociais ocorridas no Brasil que vivia em pleno regime democrático (1945 – 1964).

Nesse sentido, o esforço nacional não foi de pequena monta, em se tratando das necessidades de infraestruturas material e técnicas voltadas ao atendimento das exigências futebolísticas da época. As seis cidades-sede definidas para as competições (Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo) remodelaram-se em maior ou menor medida para receber o evento mundial, embora fossem somente as cidades de Belo Horizonte e Rio de Janeiro que construíram estádios inaugurados em 1950, uma vez que nas demais cidades, os estádios já existentes foram remodelados². Além disso, a cidade do Rio de Janeiro recebeu maiores investimentos por concentrar a maior parte das partidas (8), com

² Todas as cidades que reformularam os estádios contaram com apoio local, inclusive voluntário dos torcedores da cidade

a construção do monumental Maracanã (na partida final, recebeu 174 mil pagantes e, ao todo, 199.854 expectadores).

Para um país com a maior parte de sua força de trabalho no meio rural, que seguia sem regulação pública do trabalho e representação sindical, o salto ocorrido no movimento migratório do interno de trabalhadores rurais se mostrou mais do que compatível com o atendimento dos picos de demanda de mão-de-obra urbana, especialmente nas atividades de infraestrutura nas cidades-sede (remodelização urbanística e viária). Ademais, no meio urbano, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) vinha ganhando maior dimensão, ainda que somente alcançasse parcela dos ocupados das grandes cidades. Com isso, os investimentos planejados foram realizados, não obstante a crítica política realizada pelos representantes ideológicos de direita da época.

Para a Copa do Mundo de 2014, o Brasil praticamente assume a condição de outro país se comparado à economia nacional em 1950, pois possui a maior parte de sua população ocupada no setor de serviços e importante e generalizada regulação pública do trabalho, ainda que não atinja a totalidade dos trabalhadores. Todavia, assim como na preparação da Copa do Mundo de 1950, a economia encontra-se aquecida, convivendo com a estranha combinação do desemprego de trabalhadores com a escassez da mão-de-obra localizada em determinados setores e regiões geográficas. A continuidade dos investimentos para os próximos cinco anos – na sequência do segundo Plano de Aceleração do Crescimento – e simultânea à realização dos grandes eventos esportistas mundiais no país tende a agravar a problemática da oferta qualificada da força de trabalho. Somente na esfera da infraestrutura urbana no conjunto das cidades-sede da Copa do Mundo, o Plano Estratégico do Governo Federal para 2014 estima aplicar R\$23,8 bilhões na mobilidade urbana, em estádios e seus entornos, nos aeroportos e nos portos. Isso tudo compreende a totalidade de 50 projetos em mobilidade urbana (transporte coletivo em ônibus e trens sobre trilhos, vias para automóveis, monitoramentos e terminais, de 12 projetos em construção e reformulação de estádios, de 13 projetos em ampliação e modernização de aeroportos e de 7 projetos em reformulação de portos.

Destaca-se ainda que não esteja contabilizado o conjunto de recursos relativos à construção do trem de alta velocidade entre Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro, que pode superar a somatória de R\$35 bilhões. Também pode ser considerada a ausência da contabilidade nos demais investimentos relativos ao turismo, como hotelaria, acolhimento, restaurante e outros equipamentos, e na esfera da sustentabilidade ambiental (parques, reservas, entre outros). Isso porque a Copa de 2014 poderá atrair um universo de até um milhão de novos turistas em terras brasileiras.

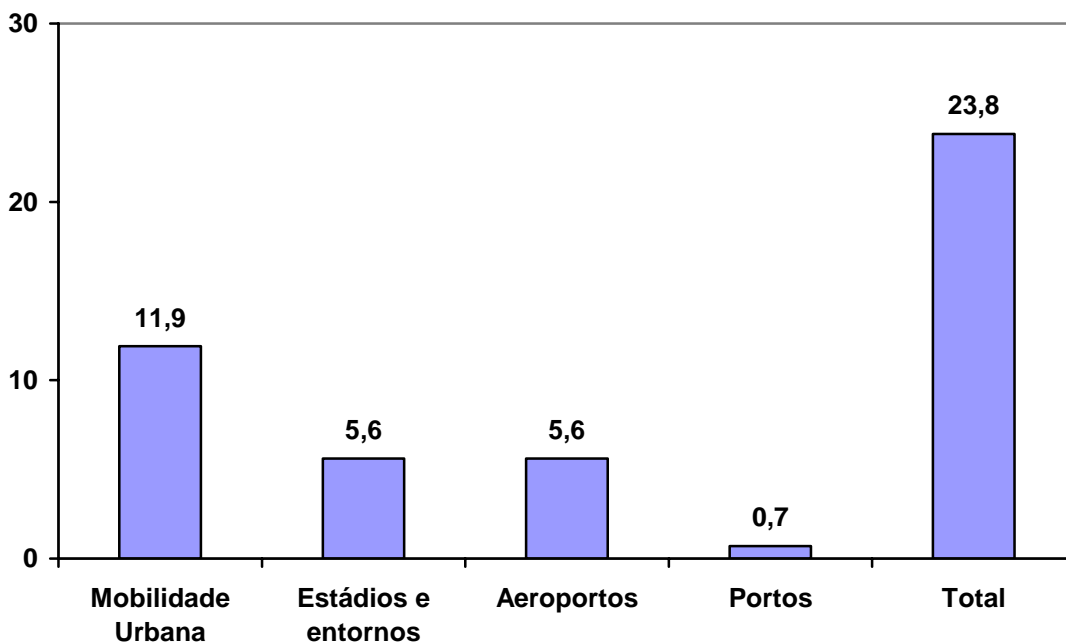
Para além dos recursos previstos para a infraestrutura necessária aos locais da Copa do Mundo, acrescentam-se também os investimentos atinentes à área de tecnologia de informação, comunicação e telecomunicações. Nesse caso, a infraestrutura constitui o cerne de todo o evento esportivo mundial, pois em 2014, a transmissão dos jogos deverá ser digital e interativa. Em síntese, a realização das copas do mundo de futebol representa geralmente a oportunidade de ocorrer verdadeiros saltos tecnológicos inegáveis, como em 1966, na transmissão por satélites de jogos ao vivo para a Europa e, em 1970, na Copa do México, a primeira transmissão mundial em tempo real e a cores. Também na copa de 1974, surgiram os primeiros telões de transmissão dos jogos em praça pública, enquanto em 1998, na França, apareceu a primeira transmissão digital em larga escala. Na Alemanha, em 2006, terminou por haver a primeira convergência das mídias eletrônicas.

Em geral, pode-se estimar que para cada presença de um torcedor no estádio há, pelo menos, outros 10 mil que assistem por televisão, internet e telões. No ano de 2006, durante a Copa do Mundo na Alemanha, por exemplo, cerca de 560 milhões de pessoas assistiram aos jogos em 240 países, o que acumuladamente resultou em 24 bilhões de expectadores. Oito anos depois, o universo de expectadores pode chegar a ser duas vezes maior. Contando os avanços tecnológicos em curso, cabe considerar os investimentos voltados para a progressão e integração da infraestrutura dos meios de comunicação e telecomunicações. Grandes novidades poderão fazer parte do salto tecnológico esperado, como a convergência da televisão de alta definição com a internet, transmissão tridimensional e holografia associada às ferramentas de incremento e

distribuição dos jogos. Tudo isso pressupõe impulso nas redes de banda larga e disponibilidade de redes de velocidade e qualidade para a internet, uma vez que se espera para 2014, a existência de mais de dois bilhões de computadores em uso e quase 5,5 bilhões de telefones celulares interligados no planeta.

Gráfico 01

Brasil: investimentos programados para a realização da Copa do Mundo de Futebol em 2014 (em bilhões de reais)



Fonte: GECOPA, 2011 (elaboração própria)

Resumidamente, espera-se a efetivação de um pacote de investimentos tecnológicos que pode superar os 100 bilhões de reais até 2014 voltados para a construção e expansão de redes fixas e móveis de alta velocidade, redes de telecentros e banda larga. No Brasil, o índice de teledensidade encontra-se ainda relativamente baixo, com apenas 6 conexões para cada grupo de 100 habitantes, sendo na região Norte do país o registro de apenas 2 conexões para cada 100 pessoas. Atualmente, nos países desenvolvidos há 26 conexões para cada grupo de 100 habitantes.

Ainda na esfera do desenvolvimento tecnológico para 2014, há que ser considerado o conjunto das operações de mídia, uma vez que o Brasil deverá ter, como ocorreu em outros eventos esportivos mundiais anteriores, um centro de

mídia, capaz de abrigar possivelmente mais de 3 mil profissionais. Isso representa haver um conglomerado logístico capaz de atender as redes de televisão, os estúdios, as mesas de edição de imagens, os rádios, as redações de jornais, as equipes de conteúdo para internet, telefonia, entre outras atividades, com sistema eficaz de redes de fibra ótica para o tráfego em infovias de transmissão e conexão.

Para 2014, o mundo deverá estar vivendo a maturidade do ambiente web. Essa possibilidade impõe investimentos antecipadamente planejados, pois a venda de patrocínios e direitos autorais poderá alcançar o patamar dos grandes negócios econômicos do início deste século, como no *marketing* esportivo, no patrocínio variado do evento, entre outros. A presença estratégica do Brasil liderando a organização e o planejamento nesta área permitirá intermediar ações na fronteira do salto tecnológico, ao passo que poderá promover a cultura e a diversidade de entretenimentos para um público superior a 30 bilhões de expectadores acumuladamente em todo o mundo. Para isso, a consolidação da imagem de um país democrático e economicamente emergente, socialmente menos injusto e sustentável ambientalmente, implica em organização e planejamento dos investimentos transparentes e impecavelmente adequados.

Do contrário, corre-se o risco de repetir erros do passado, como no caso da realização dos Jogos Pan-americanos em 2007 na cidade do Rio de Janeiro. Sem planejamento condizente, o volume de recursos inicialmente orçados em R\$414 milhões alcançaram ao final do evento a R\$3,7 bilhões (8,9 vezes superior), ademais de obras atrasadas e a ausência da transparência (contratos sem licitação e orçamentos superados)³. Ao priorizar investimentos na construção de novos equipamentos, quando parecia haver possibilidades de adequação dos já existentes, terminou-se por valorizar o empreendimento novo, sem considerar a possibilidade de revitalizar o entorno urbano. Assim, a construção do estádio do Engenhão (João Avelange) no bairro Engenho de Dentro, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro especificamente para os jogos Pan-americanos de 2007, terminou por combinar a prática de estabelecer o novo equipamento esportivo sem alterar a velha estrutura

³ Em jogos pan-americanos anteriores como de Santo Domingo, Winnipeg, Mar del Plata e Havana, o orçamento médio não superou R\$300 milhões.

urbanística local e, ainda, desacompanhada de ação social. Ou seja, a perda de oportunidade de internalizar a modernização urbana no meio local.

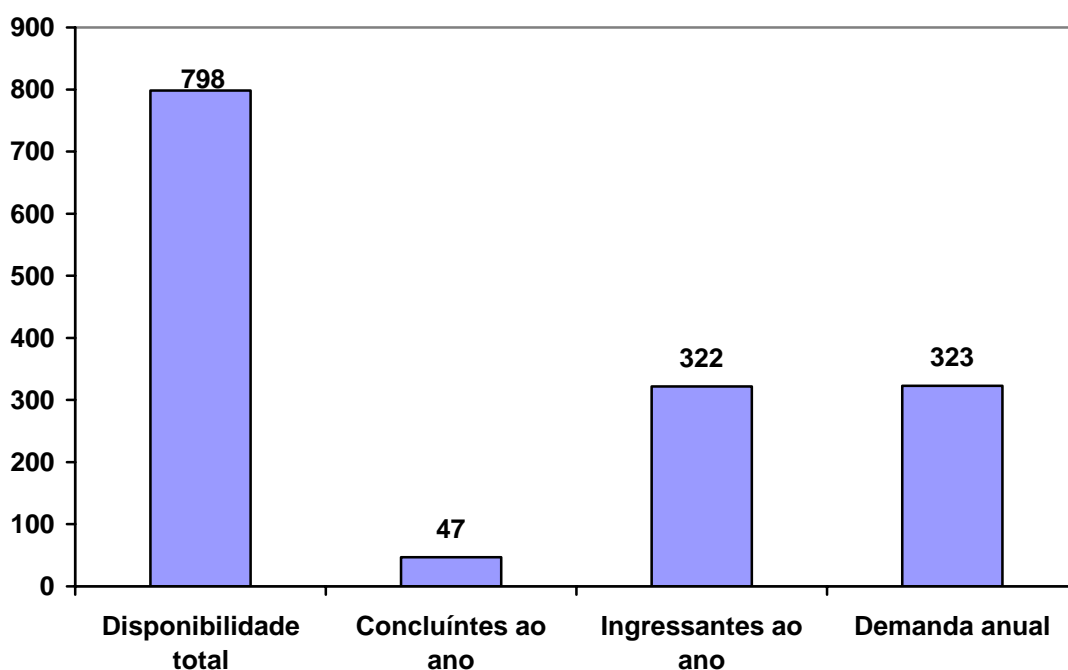
Essa realidade parece divergir de outras experiências de construir e reparar equipamentos esportivos para grandes eventos mundiais, cuja revitalização urbanística e ação social permitiram transformar o modo de vida da população local. Servem de exemplos, os jogos Olímpicos na Espanha, em 1985, bem como o que está acontecendo atualmente com a revitalização de toda a zona leste da cidade de Londres, em função dos jogos Olímpicos da serem realizados em 2012. Como regra, a cidade-sede absorve o legado da realização de eventos esportivos de grande porte internacional, sempre que tende a preponderar o correto e democrático planejamento.

Por conta disso, o tema da qualificação da mão-de-obra se apresenta neste momento como não desprezível, pois pode ocorrer o sério risco de sua transformação em entrave ao desenvolvimento nacional, quando não um constrangimento adicional ao avanço adequado da Copa do Mundo em 2014 no Brasil. Ressalta-se que na crise internacional transcorrida do final de 2008 que a economia brasileira havia se desacelerado, interrompendo o ciclo de expansão com forte emprego assalariado de mão-de-obra formal iniciado três anos antes. Desde o segundo trimestre de 2009, contudo, a produção nacional voltou a se recuperar, fruto das positivas políticas anticíclicas adotadas pelo governo federal. Tanto assim, que no ano de 2010 o país registrou forte expansão do Produto Interno Bruto, com impactos significativos na geração de mais de dois milhões de empregos formais. Por força disso, algumas regiões e setores de atividade econômica apresentaram, inclusive, alguns sinais de escassez relativa de mão de obra qualificada.

De uma maneira geral, o emprego de profissionais das engenharias pode ajudar – ainda que sinteticamente - a observar o impacto da expansão econômica sobre a determinação do nível de ocupação do trabalho qualificado. Especialmente nas tarefas de preparação para a Copa do Mundo de Futebol de 2014, em que predominam investimentos em infraestrutura urbanística, mobilidade e equipamentos esportivos, bem como nas atividades de desenvolvimento tecnológico nas comunicações e telecomunicações.

Nesse contexto de expansão das atividades que demanda crescentemente força do trabalho mais qualificado, cabe considerar primordialmente os elementos principais de determinação da oferta laboral, especialmente derivada das engenharias, tendo em vista suas interligações com outras categorias profissionais. Para isso, trata-se rapidamente do processo de formação superior nas engenharias. Resumidamente, pode-se compreender o ensino superior no Brasil, constituído a partir de duas centenas de universidades, 127 centro universitários e quase 2 mil faculdades e institutos de educação tecnológica, responsável pela absorção de quase 6 milhões de alunos (*Censo de Educação Superior*).

Gráfico 02
Brasil: oferta e demanda de profissionais das engenharias em 2009 (em mil)



Fonte: MTE/Rais, Inep/MEC, Ipea (elaboração própria)

Atualmente, cerca de 830 mil pessoas se graduam anualmente, o que equivale a menos de 26% do total de vagas ofertadas a cada ano. Das 3,2 milhões de vagas disponíveis no conjunto dos cursos de graduação, 322 são de responsabilidade da área das engenharias (engenharia, produção e construção), ou seja, 10,2% do total de vagas abertas no país por ano. Para esse contingente de vagas, há 777,5 mil candidatos (12,5% do total de candidatos aos cursos de ensino

superior), o que resulta em 2,4 candidatos por vaga em todo o Brasil. No ano de 2009, houve, por exemplo, a graduação de 47,1 mil engenheiros, equivalendo a menos de 15% do total de alunos que ingressam nos cursos de engenharia. Em outras palavras, as engenharias registram elevados índices de evasão, o que impõe baixa quantidade de concluintes dos cursos de graduação e um desperdício de recursos humanos e financeiros para vagas não ocupadas ou ocupadas por período demasiadamente longo. Além disso, registram-se também problemas associados à qualidade formativa dos engenheiros, uma vez que 42,3% dos concluintes das engenharias que se formaram em 2008 são oriundos de instituições de nível superior que detém baixo desempenho na proficiência acadêmica, segundo informações do Ministério da Educação (Inep, Enade, 2008). Ainda para o MEC, somente um em cada grupo de quatro graduados provém de instituições com nível superior de alto desempenho educacional.

Na sequência, ressalta-se que a oferta total de engenheiros formados no Brasil não se encontra plenamente absorvida nas atividades tradicionais das engenharias. Em plena década de 2000, constata-se que do total da mão de obra qualificada nas engenharias, estimado em 550 mil profissionais, há menos de 1/3 exercendo atividades finalísticas da profissão. Esse desvio pernicioso da absorção da oferta das engenharias em relação do emprego final do profissional resulta de duas décadas anteriores de baixa demanda de engenheiros em função do contido dinamismo econômico e da quase ausência de investimentos em infraestrutura nacional registrada no Brasil.

Da situação atual de disponibilidade nacional de engenheiros, deve-se considerar o ingresso do contingente de graduando a cada ano e o desvio de profissionais para outras áreas de ocupação, o que permite antever alguns dos possíveis constrangimentos à demanda de profissionais qualificados a serem atenuados. Em 2009, por exemplo, 323 mil engenheiros foram contratados em todo o país, o que significou duas vezes mais a abertura de vagas do verificado no ano 2000. Se a economia brasileira vier a crescer 6%, em média nos próximos quatro

anos, por exemplo, a demanda por engenheiros em 2014 pode chegar a quase 650 mil novos profissionais⁴.

É em função disso que a formação de mão-de-obra qualificada no Brasil requer atenção, seja no processo formativo, seja no ambiente de contratação por parte das empresas. A ampliação das vagas no ensino superior pressupõe enfrentar simultaneamente tanto a qualidade dos cursos ofertados como a enorme evasão dos estudantes. Ao mesmo tempo, cabe mencionar a necessidade da oferta de cursos de readaptação ao ambiente de trabalho nas engenharias para aqueles profissionais que se encontram desviados e com possível retorno às atividades finalísticas tradicionais.

Por outro lado, identifica-se que do ponto de vista da demanda de mão de obra qualificada há espaço para avançar nas relações de trabalho, especialmente naqueles setores mais dinâmicos em termos de contratação de trabalhadores. O processo de formação no próprio local de trabalho pode ser uma oportunidade a ser desenvolvido com apoio das instituições de representação dos trabalhadores e do governo federal, o que inibiria o veto à contratação de profissionais sem prévia experiência profissional. Também a restrição à elevadíssima rotatividade contratual permitiria que os investimentos na qualificação da força de trabalho pelas empresas se transformassem em maior segurança na própria ocupação por maior tempo.

2. O trabalho qualificado nas cidades da Copa do Mundo de futebol em 2014

Em geral, os grandes eventos esportivos de dimensão internacional tendem a produzir resultados positivos para os países que os realizam, sobretudo nos locais onde são realizadas as competições. A oportunidade de concretizar planos

⁴ Para maiores detalhes sobre a situação do mercado de trabalho dos engenheiros, ver Ipea, 2011.

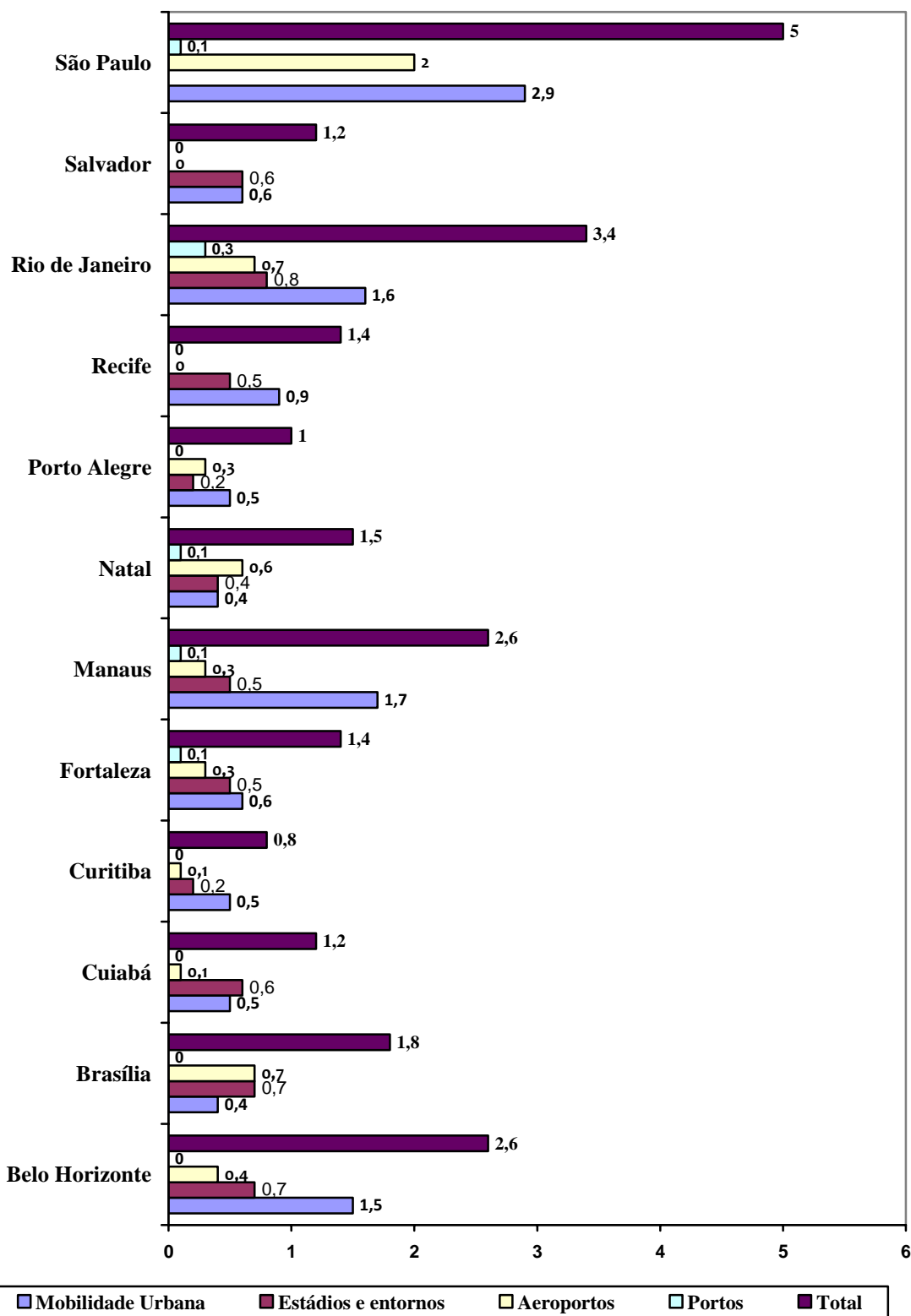
de investimentos necessários à melhora das infraestruturas urbanas e tecnológicas abre a possibilidade de também elevar as condições de vida da população, especialmente nas chamadas cidades-sede. Essa, pelo menos, tem sido a experiência constatada em estudos sobre o papel dos eventos esportivos mundiais.

A realização dos Jogos Olímpicos de 1992 permitiu avançar, por exemplo, a revitalização urbana de Barcelona, com a ampliação de 15% nos projetos viários e 17% no sistema de tratamento de esgoto comparativamente ao ano de 1989. Em função disso, constatou-se também que a taxa de desemprego decresceu de 18,4% em outubro de 1989 para 9,6% em julho de 1992 na cidade de Barcelona, enquanto a quantidade de empregos foi elevada em 2,5 vezes no mesmo período. Para o caso da realização dos Jogos Olímpicos em Sydney foi possível constatar, por outro lado, o crescimento de US\$ 1,4 bilhão do Produto Interno Bruto na região. Os empregos ampliaram-se e elevou-se a demanda por mão-de-obra qualificada.

A concretização da Copa do Mundo de Futebol e dos Jogos Olímpicos estabelece conexões importantes do país-sede com negócios de dimensão internacional. Ademais, o pacote de investimentos em novas instalações esportivas, transporte, telecomunicações, energia elétrica, segurança, saúde, hotelaria e turismo mobilizam tanto o setor privado com o público, com impactos inegáveis sobre o nível de emprego e renda.

Gráfico 03

Brasil: investimentos programados para a realização da Copa do Mundo em 2014 por cidades-sede (em bilhões de reais)



Fonte: GECOPA, 2011 (elaboração própria)

Especialmente no Brasil, um país ainda em construção, a alocação de mais recursos em infraestrutura antecipa a efetivação de obras viárias que precisariam ser realizadas independentemente da existência do grande evento esportivo. Em

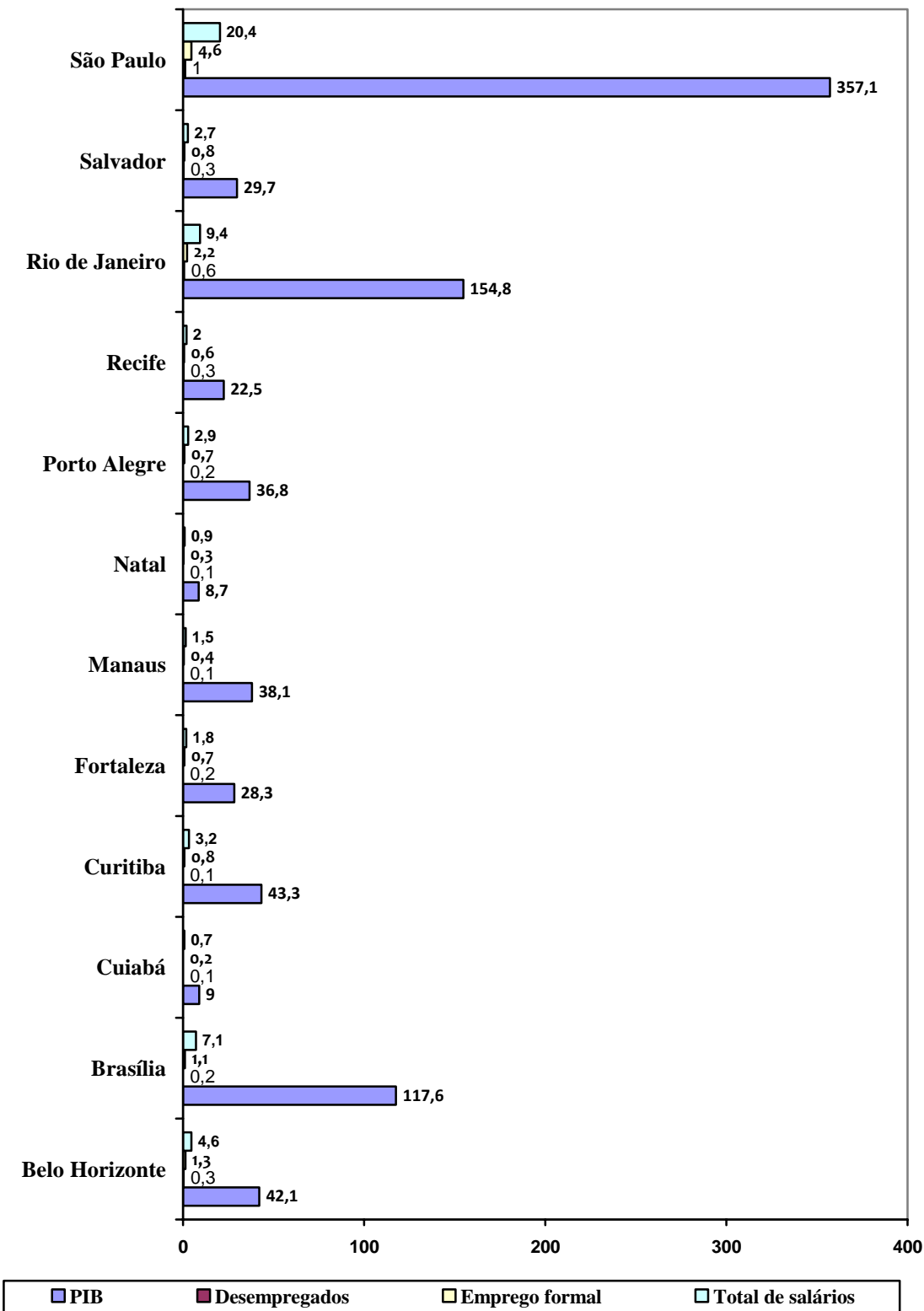
2008, por exemplo, o setor de infraestrutura recebeu 107 bilhões de reais em investimentos ante apenas R\$55,8 bilhões comprometidos em 2003, o que permite estimar para até 2016 que o mesmo setor deva receber cerca de R\$160 bilhões de investimentos em transporte, energia e pré-sal, ademais dos eventos esportivos mundiais como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos.

Em conformidade com o gráfico anterior, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro deverão receber mais de 35% da soma total do pacote de investimentos para a Copa do Mundo. A maior parte da alocação dos recursos se dará no item mobilidade urbana, o que favorece a formação de ótima herança de melhora diretamente para a população local.

Os investimentos em portos serão relativamente menores e concentram-se em somente cinco cidades-sede. Isso tudo, é claro sem contabilizar a existência de outras formas de investimentos privados que associam aos eventos esportivos, com turismo, telecomunicações e comunicações, entre outras. Portanto, a pressão sobre contratação de mão de obra, sobretudo de profissionais de maior qualificação, será crescente, exigindo preparação por meio do planejamento dos objetivos a serem atendidos.

Gráfico 04

Principais características socioeconômicas das cidades-sede da Copa do Mundo no Brasil em 2014 (salário em real, empregos e desemprego em mil e PIB em milhão)



Fonte: IBGE, MTE (elaboração própria)

Por outra parte, deve-se considerar que a realidade socioeconômica do conjunto das cidades e dos estados brasileiros é reveladora de enorme desigualdade intra e extra municípios, sobretudo entre as regiões sul-sudeste e norte-nordeste.

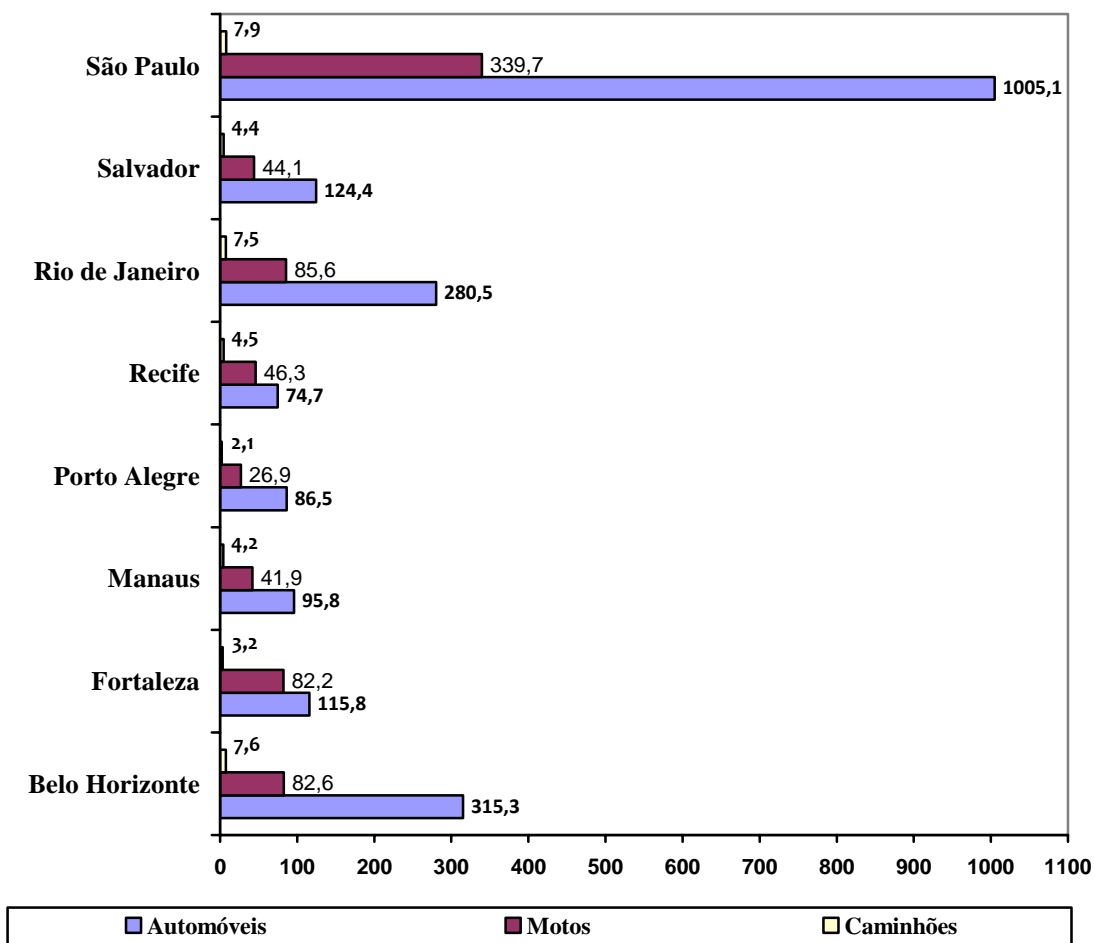
Além disso, o total das cidades-sede definidas para a Copa do Mundo em 2014 responde por 41,7% do desemprego nacional e 33,3% emprego formal do ano de 2009, o que indica ainda o forte peso do desemprego aberto nos principais centros metropolitanos do país.

Da mesma forma, constata-se também que as dozes cidades-sede foram responsáveis por 29,3% do Produto Interno Bruto nacional e 43,9% da massa de rendimentos do trabalho do ano de 2009. Em certo sentido, as grandes cidades brasileiras tendem a pagar maiores remunerações médias aos empregados, mesmo que assistam o deslocamento de parcela importante do setor produtivo para o interior do país e regiões de menor desenvolvimento.

Com maior nível de rendimento, as cidades-sede da Copa do Mundo concentram cada vez mais parcela significativa da frota de veículos do Brasil. Mas isso, contudo, não tem sido acompanhado por importantes investimentos em mobilidade, tornando o transporte individual a alternativa que se limita pelos sinais de caos viário.

Nesse sentido, a sua reversão passa por focalização de investimentos adicionais aos realizados pela programação de mobilidade urbana estabelecida pela GECOPA. Do contrário, as cidades tendem a estarem cada vez mais encharcadas de automóveis, com engarrafamentos ainda maiores.

Gráfico 05
Estoque de carros, motos e caminhões nas cidades-sede da Copa do Mundo no Brasil em 2010 (em mil)



Fonte: Denatran (elaboração própria)

Todo o conjunto de investimentos, para se tornar uma realidade, precisa de uma forte coordenação e articulação estratégica, motivando o setor privado em parcerias comprometidas com o crescimento econômico. Neste caso, a existência de mão de obra de qualidade assume centralidade inegável, pois do contrário pode vir a constranger os esforços nacionais de realização dos grandes eventos esportivos mundiais no país.

3. Considerações finais

Os grandes eventos esportivos de dimensão mundial foram se transformando em importantes momentos de internalização de impulsos modernizantes extremamente úteis para a população do país sede. Os exemplos recentes disso parecem ser inegáveis, embora também se possam identificar casos de má aplicação de recursos públicos, com ausência de planejamento e desorganização irresponsável, capaz de comprometer a oportunidade de elevar a qualidade de vida da população, por intermédio da realização antecipada de investimentos necessários.

A sucessão dos dois dos maiores eventos esportivos do mundo no Brasil, em 2014 (Copa do Mundo de Futebol) e 2016 (Jogos Olímpicos), uma conquista do governo Lula, representa também uma inédita oportunidade para fazer avançar mais a posição do país no mundo. Tudo isso, é claro, depende da capacidade de coordenação e planejamento do conjunto de ações e investimentos previsto, negando, sobretudo, os erros constatados na realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007 na cidade do Rio de Janeiro.

Nesse sentido que o estudo procurou enfatizar nas páginas anteriores a dimensão do trabalho humano qualificado, com o objetivo de realçar os riscos da escassez de profissionais para o país como um todo e, especialmente, na preparação e realização dos grandes eventos esportivos mundiais. Para isso, o caso das engenharias terminou sendo focado com especial atenção por decorrência de sua representatividade na demanda de trabalhadores qualificados.

Para uma economia que deverá crescer ao redor dos 5% ao ano entre 2001 e 2016, destaca-se que somente as atividades voltadas à preparação e realização da Copa do Mundo de Futebol em 2014 em 12 cidades-sede e os Jogos Olímpicos em 2016 na cidade do Rio de Janeiro deverão responder por cerca de 10% de toda a geração de vagas a cada ano. Ou seja, 200 mil novas ocupações permanentes e temporárias por ano tendo em vista a concentração dos investimentos em diversas atividades econômicas urbanas.

A problemática da escassez de mão de obra qualificada ronda o país, sendo mais grave em determinados setores produtivos e localidades. Pode, inclusive, se transformar em obstáculo ao atual ciclo de expansão econômica,

quando não impeditivo ao curso das obras voltadas aos eventos esportivos. O planejamento e organização da temática da mão de obra tornam-se necessários e urgentes enquanto oportunidade de restabelecer funcionalidade adequada ao Sistema Nacional de Emprego, com aperfeiçoamento da base formativa e das regras nas relações de trabalho. O esquema tripartite na organização deste tema poderia ser de grande utilidade neste momento em que o tempo se limita frente aos prazos finais dos eventos esportivos. Ademais, a descentralização do debate em torno do tema da escassez da mão de obra qualificada nas cidades-sede permitirá antecipar a resolução de problemas futuros.

4. Referências bibliográficas

- AMORIN, R. *et al* *Leitura econômica dos jogos olímpicos: financiamento, organização e resultados*. TD n. 1.356, Brasília: IPEA.
- BALMER, N. J.; NEVILL, A. M.; WILLIAMS, M. A. *Modelling home advantage in the England*: Manchester University Press, 1986.
- BRUNET, F *Economy of the 1992 Barcelona olympic games*. Lausanne: International
- ESSEX, S.; CHALKLEY, B. Olympic games: catalyst of urban change. *Leisure Studies*, v. 17.
- GUSSO, D. NASCIMENTO, P. *Contexto e dimensionamento da formação de pessoal técnico-científico e de engenheiros*. In: Radar, n. 12. IPEA: Brasília, 02/2011.

- HAYNES, J. *Socio-economic impact of the Sydney 2000 olympic games*. Centre d'Estudis
- IPEA Comunicado Ipea, n. 48. Brasília, 2010.
- IPEA, Radar, n. 12, Brasília, 2011.
- MACIENTE, A. & ARAUJO, T. A demanda por engenheiros e profissionais afins no mercado de trabalho formal. *In: Radar*, n. 12. IPEA: Brasília, 02/2011.
- MARINHO, A. *et al Avaliação da eficiência técnica nos países dos jogos de Pequim*. TD. n. 1.394.
- MEIRELLES, R. & PUGA, F. *Perspectivas do investimento na indústria em 2010 – 2013*. *In: Visão do Desenvolvimento*, BNDES, n. 79, 15, mar, 2010.
- Olímpics i de l'Esport (UAB) *International Chair in Olympism*, 1998.
- Olympic Committee, 1993.
- PEREIRA, R. & ARAÚJO, T. Oferta de engenheiros e profissionais afins no Brasil. *In: Radar*, n. 12. IPEA: Brasília, 02/2011.
- POCHMANN, M. *O emprego no desenvolvimento da nação*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- QUARESMA, P. & BORÇA Jr., G. Perspectivas de investimento na infraestrutura 2010 – 2013. *In: Visão do Desenvolvimento*, BNDES, n. 77, 22, fev, 2010.
- Summer Olympic Games. *Journal of Sports Sciences*, v. 21, p. 469-478, 2003.
- TAYLOR, T. Politics and the olympic spirit. *In: ALLISON, L. (Org.). The politics of sport*. NY. CUP.